



Como lidar com as crianças diante da tecnologia? Pais, especialistas e as próprias discutem os dilemas

Quanto tempo a criança deve ficar on-line? Dar ou não dar um tablet? Quando entrar em rede social? Veja dicas

POR **EMILIANO URBIM**

10/03/2018 4:30

RIO — Quando o número desconhecido surgiu no WhatsApp, Gabriela Balan não deu muita bola. Olhando com mais atenção, no entanto, reconheceu um rosto e uma frase, literalmente, familiares.

“Oi mãe”, anunciava Davi, 9 anos, do outro lado da tela.

— Foi um daqueles momentos da maternidade em que a gente diz: “Ai, meu Deus!”
— conta a colorista.

Davi ganhou o aparelho de presente quando fez 8 anos, mas diz que os pais “ficaram enrolando” para lhe dar um chip. Um dia, o pai veio com a novidade, para que ele pudesse falar com os primos paulistas, e foi assim que ele surgiu no *zapp* da mãe.

— Expliquei para eles: é melhor eu ter o meu celular do que ficar pegando o do meu pai o tempo todo — diz o menino, que nesta semana criou uma conta (fechada) no Instagram e postou três fotos. — Quando meus pais veem que estou muito tempo no celular, pegam no pé: “Vai fazer alguma coisa interessante da vida!” (*risos*)

O ator Rafael Queiroz, pai de Davi, conta que passou a infância em Campinas (SP), ao ar livre, e não quer que a vida digital seja o cotidiano do filho. Mas reconhece que o celular tem sido bem útil até para distrair a caçula, Rosa, de 1 ano e 9 meses:

— Há dias em que é babá eletrônica mesmo: se não botar algo no celular para ela ver, ela acaba com o restaurante. E é impressionante como já sabe mexer, isso deve estar vindo no gene — brinca Queiroz. — A gente evita, mas não pode ser radical. A vida digital é parte da vida.

Controlar o acesso das crianças de hoje às telas do mundo é questão fundamental para os pais. Ainda não há um manual fechado para essa geração com filhos nascidos na era das redes sociais. Além de administrar o tempo de TV e videogame, desafios já presentes em décadas anteriores, agora é preciso saber com quem meninos e meninas interagem no celular, tablet e computador. Ao mesmo tempo que é impossível ignorar a realidade de uma sociedade tecnológica, é preciso estar atento.

— Não basta fixar limite de horas on-line — diz Evelyn Einsenstein, pediatra, professora da Uerj e integrante do grupo de estudos E.S.S.E. Mundo Digital (*a sigla E.S.S.E. é de Ética, Segurança, Saúde e Educação*). — Deixar seu filho na frente da tela, sem saber o que ele acessa, é uma coisa. Interagir com ele é outra. Evelyn, que há um mês se tornou avó, acredita que muitos pais encorajam os filhos a desbravar a tecnologia e esquecem de incentivá-los a desenvolver tarefas de coordenação motora básicas, como amarrar os tênis ou segurar um lápis de modo correto. Já há, inclusive, relatos sobre crianças inglesas com dificuldades de usar o lápis. A pediatra defende que os pais sigam a cartilha da Sociedade Brasileira de Pediatria (*veja dicas ao lado*), baseada na da American Academy of Pediatrics. O documento é rigoroso: indica, no máximo, uma hora de tela por dia até 6 anos de idade, duas horas entre 6 e 10 anos, e, a partir daí, de duas a três horas.

— E não adianta mandar o filho largar o celular se você seguir grudado no seu — salienta.

'EXEMPLO É ESSENCIAL'

Tim J. Smith, psicólogo da Universidade Birkbeck, em Londres, e estudioso do uso de *touchscreen* por pequenos, reforça:

— Exemplo é essencial. As crianças moldam seu comportamento pelo dos adultos.

Na casa de Priscila Norcia e Gustavo Serrão, pais de Beatriz, 12 anos, e Rafael, 8, existe o “horário sem tela”. Mais ou menos uma hora antes de dormir, pais e filhos seguem a norma de tirar os olhos de aparelhos eletrônicos — até TV. O costume é baseado em pesquisas, como a de Smith, que indicam que a luminosidade de celulares e tablets prejudica o sono.

— Mas também é um bom exercício de autocontrole para todos — pondera Priscila.

Agora que os filhos estão entrando na adolescência, ela se depara com o desafio das redes sociais. Na busca de bibliografia para tema tão recente, chegou a “Meninas malvadas”, best-seller da educadora americana Rosalind Wiseman que inspirou o filme com Lindsay Lohan. Apesar de tratar mais de garotas, o guia digital do primeiro capítulo serve a todos os gêneros e lhe trouxe uma ideia para aplicar com a filha: um minicontrato de uso ético das redes.

Quando Beatriz pediu para ter Instagram e celular, precisou assinar o documento informal, feito pela mãe, em que se compromete a usar a internet com responsabilidade.

— “Postura ética” é um conceito que a gente vai colocando aos poucos. Ler e assinar o documento faz pensar no impacto que se tem sobre a vida do outro — diz Priscila, RP de uma grande empresa e criadora do site “Guia para mães incríveis”.— O cyberbullying é muito sério: temos que passar a mensagem de não fazer aos outros o que não gostaria que fizessem a você.

Fabio Barbirato, há 20 anos chefe de psiquiatria infantil da Santa Casa da Misericórdia do Rio, ressalta que as regras das sociedades de pediatria não são baseadas em estudos robustos e ainda não há conclusões definitivas sobre o impacto dos gadgets nos pequenos. Sobre redes sociais, porém, é linha dura:

— Os pais têm que saber o que os filhos fazem na internet. O jovem pode até dominar a tecnologia, mas os adultos possuem experiência e conhecimento das relações humanas. O adolescente acha que sabe de tudo, só que pode estar falando com um assaltante ou pedófilo sem saber. Você não deixa seu filho ir sozinho a um lugar sem dar notícias, vai deixar ele sozinho na internet?

O artigo 29 do Marco Civil da Internet (Lei 12.965 de 2014) diz que cabe aos responsáveis controlar e vigiar as crianças nas redes. Mãe de Felipe e Marina, de 12 e 9, e pediatra, Fernanda Cuckier lida com o assunto em casa e no consultório. E participa de um grupo de WhatsApp em que pais da Escola Base trocam dúvidas e angústias sobre tecnologia.

— Saber como outros pais pensam foi muito bom. No fundo, estamos todos aprendendo, e cada família faz sua opção. O importante é que seja opção, e nunca omissão.

PAIS E FILHOS: O QUE ELES DIZEM

"Deixa eu explicar Elena de Avalor"

Lara Wiegert de Sá, 6 anos

“Durante a semana eu não vejo TV. Mas, no fim de semana, quando pode, eu e minha irmã, Maria Alice, vemos muitos desenhos. Gosto bastante de ‘Elena de Avalor’! Ela ficou presa num amuleto mágico, mas conseguiu sair e guardou um pouquinho de mágica com ela. Deixa eu explicar, já que você não conhece: Elena é como as princesas dos livros e dos filmes, só que na Netflix. Entendeu? Outro que eu gosto bastante é ‘Steven Universe’, do Cartoon Network. Esse eu gosto de ver no celular. Nesse desenho tem as Gems, que fazem um mundo de coisas. Às vezes elas ficam tristes, mas a mãe me explicou que, quando elas se juntam, ficam mais fortes.”

"Sou mais radical do que a média"

Thelma Wiegert, 39 anos, publicitária

“Eu e meu marido, Leonardo, não deixamos nossas filhas (Maria Alice, 9 anos, e Lara, 6) verem TV nos dias úteis. Sábado e domingo, quando quero dormir mais, deixo. Isso não me faz feliz, mas temos limitações. Depois compensamos com muitas atividades ao ar livre. Elas têm acesso a celular, mas é regulado: só baixam o que gente deixa — se não for grátis, sai da mesada. Há aplicativos ótimos, que promovem desde a coordenação motora até o raciocínio lógico. Para nossa alegria, as meninas amam ler. Castigo é passar a manhã sem gibi. Reconheço que sou mais radical do que a média, talvez eu esteja superprotegendo, mas prefiro ter mais segurança do que arriscar e perder a mão.”

João Ribeiro, 9 anos

“Gosto muito de videogame e adoro ‘Minecraft’, de construir coisas. No YouTube, sigo especialistas em ‘Minecraft’ e tenho quatro canais: um só meu e três com amigos. Não acho que o Facebook é para mim. Um tempo atrás, joguei games antigos com o meu pai. Ele me ganhou no ‘Street Fighter’, respeitei. Com a minha mãe falo menos de tecnologia, mas ensinei para ela como arrastar a tela do iPhone para cima e chegar nas configurações. Imagina, ela dava uns quatro cliques para acender a lanterna do telefone.”

"Youtuber é irmão mais velho"

Sebastião Ribeiro, 38 anos, empresário

“Meu filho maior, João, é bem viciado em games. Às vezes é difícil colocar limites. É muito melhor do que eu nos jogos, mas fico vendo ele jogar e, enquanto isso, aproveito para falar de vários assuntos. Isa, minha caçula, de 6 anos, curte muito YouTube. De uma hora para a outra, me tornei espectador de coisas como ‘Totoy Kids’ e ‘Planeta das Gêmeas’, coisas com milhões de seguidores que eu ignorava. Toda criança hoje nasce com um irmão mais velho, um youtuber que ensina o que não pode. Temos que ficar espertos.”

DICAS PARA CONTROLAR OS CONTEÚDOS ACESSADOS

Influências: Youtubers populares atraem milhões de seguidores crianças e adolescentes. Olho nos que fazem desafios e brincadeiras perigosas ou falam de dietas “mágicas”.

Com moderação: Jogos on-line, redes sociais e aplicativos de filmes e vídeos podem até educar. Mas seu uso por horas seguidas limita a atividade escolar e a socialização.

Virtual x real: Menores de 6 anos precisam de proteção extra pois não separam fantasia de realidade. Jogos com tiroteios, mortes e desastres tendem a banalizar sua visão sobre violência.

+10, +12, +14, Livre...: A decisão sobre o conteúdo que os filhos podem ou não consumir cabe aos pais, mas jogos e filmes têm classificação indicativa, que serve de referência sobre o tipo de material que é encontrado ali.